O IMPORTANTE MUNDO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FORMANDO LEITORES DE MUNDO

GREICE RUFINO DE CARVALHO

RESUMO

Este trabalho visa apresentar os resultados positivos sobre a atividade de contar histórias e indicar novos rumos de trabalhar a leitura. De forma que são sugeridos temas propostos, com a utilização de histórias como instrumento de interação entre conteúdos e afetividade.

Entretanto, com base nos autores consultados, concluímos que as atividades desenvolvidas na sala de aula, com as crianças propiciam a elas um contato maior com o acervo de literatura infantil, seu manuseio e exploração, oferecendo-lhes a possibilidade de aprender a compartilhar e socializar o livro.

E que as atividades desenvolvidas através da leitura aproximam os alunos de uma variedade de linguagens, ajudando a desenvolver a linguagem oral, a criatividade, formando crianças capazes de ouvir, ler, criar e recontar histórias.

Palavras Chaves: Literatura infantil; Interação; Prática Pedagógica

Introdução

O presente trabalho aborda a importância da explanação de história na Educação Infantil, bem como através desta atividade se desenvolve o hábito leitor e o estímulo da imaginação.

Em tempos de diversões digitais e grandes tecnologias que atraem as crianças para frente da televisão ou outras máquinas, contar histórias não é uma tarefa fácil. Por certo o grande problema aqui, é que essas tecnologias fornecem informações prontas, o que torna escasso o pensamento imaginativo.

Quando o conto é encarado de forma significativa para o desenvolvimento da alfabetização, sendo contextualizado, contribui para habilidades auditivas e de concentração, proporcionando um vocabulário mais rico, tornando-se uma atividade prazerosa na qual poderá expressar suas próprias percepções de mundo.

A partir de observações realizadas em estágios nas salas de alfabetização, percebemos que o conto na educação infantil é uma atividade desenvolvida de forma mecanicista e sem propósitos definidos para o desenvolvimento da alfabetização. Porém quando ocorre esta atividade, além da proposta não estar embasada teoricamente, ela é desenvolvida de forma intuitiva, desligada de um projeto pedagógico que aproximem das questões relacionadas à alfabetização, assim, constitui-se numa frágil estratégia quase sem nenhum retorno positivo à aprendizagem.

De forma que trabalhar o conto na educação infantil, é essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois proporciona momentos de imaginação. Ao exercer esta prática o professor não entrega nada pronto, e os alunos são levados pela própria imaginação e articulam seus novos textos (produções).

Certamente é na escola que o aluno desenvolve uma vasta diversidade cultural, e nada melhor que trabalhar o conto, envolvendo as crianças, pedindo a elas que relatem sua cultura. Pois este tipo de aula repercute na formação da criança em várias áreas, e uma delas é o desenvolvimento cognitivo, pois embora seja fábula ou ficção, ao contar histórias ocorre à revelação e assimilação da realidade social e até desmascara certos mitos.

Dentre alguns motivos para a prática de contar história destaca-se: O estímulo ao hábito da leitura, o desenvolvimento psicológico e moral ético, enriquece também o vocabulário da criança, a observação, a memória, a reflexão e a linguagem no sentido de diferenciação de formal e informal.

Entretanto esta observação pretende contribuir no profissionalismo dos educadores concernente à prática do conto para crianças, com o intuito de desenvolver o hábito leitor e promoção da aprendizagem significativa. Contudo par a construção desta reflexão, foi realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico, exploratório e aplicada.

Formando crianças leitoras

Conforme os PCN's (2001:54), alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação. De um modo mais abrangente, a alfabetização é definida como um processo no qual o indivíduo constrói a gramática e em suas variações. Esse processo não se resume apenas na aquisição dessas habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler, mas o trabalho da alfabetização precisa desenvolver o letramento,

"O letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia [...]. "São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades especificas de ler ou escrever" (Parâ-

metros Curriculares Nacionais, 2001:54)".

Na visão de Fernandes (2008:20), letramento possibilita ao indivíduo compreender a natureza e a características do sistema de escrita da língua. Isso proporciona aos cidadãos a capacidade de selecionar, entre muitas informações o que for realmente relevante. Saber lidar com diferentes situações, saber lidar com situações - problemas, assim desenvolvendo os quatros pilares da educação: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver; aprender a ser:

Ser "LETRADO" significa saber ouvir, ler e escrever para usar em situação de participação social. "Significa saber interpretar, elaborar conhecimentos novos, desenvolver a capacidade de interpretar textos orais e escritos, levantar os conhecimentos prévios, expressar ideias, pensamentos e sentimentos, utilizando linguagem adequada a cada situação". (Fernandes, 2008:20).

Ainda segundo Fernandes (2008:134), para que seja possível desenvolver essa alfabetização e letramento é necessário que prepare todo o ambiente pensando nas necessidades dos alunos, denomina-se ambiente alfabetizador aquele que promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e de escrita em que as crianças têm a oportunidade de participar de diversas situações de leitura e escrita, elas podem desde cedo, pensar sobre a língua e seus usos, construindo ideias de como se lê e como se escreve. Não se trata de cobrir as paredes da sala de textos e letras, às vezes até com etiquetas nos objetos e móveis. Expor uma criança á escrita é fazer práticas de leitura e de escrita necessárias no cotidiano, isto é, dar às atividades uma função real de expressão e de comunicação.

Conforme Oliveira (2002:129), o desenvolvimento da linguagem está relacionado à exposição da fala dos adultos, verbalização inicial e negociação de sentidos. Depende dos estímulos do ambiente e das vivências com seus familiares, o desenvolvimento da linguagem apoia-se em forte motivação para se comunicar verbalmente com outra pessoa, motivação parcialmente inata, mas enriquecida durante o primeiro ano de vida nas experiências interpessoais com a mãe, pai, irmãos e outros educadores. As crianças se apropriam progressivamente das regras de ação e de comunicação que surgem em seu entorno, pondo-as em prática em sua atividade e em suas primeiras produções verbais. Em seguida, interiorizam tais regras e elaboram uma linguagem interior constituída de significações verbais contextualizadas e organizada de acordo com uma lógica da ação, ou lógica implicativa.

A linguagem oral se desenvolve a partir da reflexão, do pensamento, sentimentos e sensações, pois falar não é apenas memorizar o que ouve.

A ampliação dessa capacidade acontece de forma gradativa, por meio das interações com o ambiente.

Segundo Vygotsky (2002:129), a construção do pensamento é formada na vida social, à medida que os modos de organização do ambiente presente em determinados contextos sociais fornecem aos indivíduos nele imersos os objetivos, os conhecimentos, as técnicas e os motivos necessários ao desempenho das tarefas sociais historicamente construídas naquela cultura.

A contação de história é altamente significativa para que esses desenvolvimentos ocorram, pois as crianças desenvolvem práticas imitativas, e reproduzem o que veem, porém dependem muito do que o ambiente lhes propõe e/ou estimulam, e ao ouvir diversificadas narrativas florescem as possibilidades de ampliação do vocabulário, apropriação de regras, reprodução e transformação das significações sociais culturalmente construídas.

Portanto, garantir a riqueza da vivência narrativa desde os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação, que caminham juntos: De forma que "a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista.". Neste sentido, o autor enfoca que na imaginação a direção da consciência tende a se afastar da realidade. Esse distanciamento da realidade através de uma história, por exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade: "afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece".

Segundo Cunha (1998:47), se perguntar a qualquer educador, pai, professor, bibliotecário, supervisor de ensino etc., sobre o que pretende quando leva o livro à infância, a resposta será sempre a mesma? Queremos criar nos pequenos o hábito de ler. Em outras palavras pretendemos que crianças e jovens tenham, pela vida afora, a leitura como forma de enriquecimento.

Esse e um objetivo louvável? Sabemos que a leitura é uma forma alternativa de lazer. Em vez de propiciar, sobretudo repouso e alienação, (daí, a massificação) como ocorre com forma passiva de lazer, a leitura exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação efetiva do recebedor-leitor. Seria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer, aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo. Mas cabe-nos interrogarmos porque, apesar do empenho dos educadores, nossas crianças e jovens leem tão pouco.

Todos os educadores reclamam muito

contra o crescente desinteresse dos estudantes de todos os níveis pela leitura.

Muitas e diferentes razões são apontadas para o fato, descuido familiar, decadência do ensino, excesso de facilidade na vida escolar, apelos sociais, com muitas formas de diversão etc.

Não houve grande surpresa nas conclusões, das quais as mais importantes apresentaram abaixo:

1- Entre televisão, cinema, música teatro e esporte. A leitura ocupa sempre um dos dois últimos lugares, na preferência dos alunos;

2- Entre livros e revistas, os alunos preferem a última opção, por achar a revista mais divertida;

3- Os alunos não têm biblioteca em casa;

4- Os professores de literatura mandam sem muita frequência os alunos lerem obras literárias;

5- As obras lidas são determinadas pelo professor, que avalia a leitura através de provas ou fichas.

Conforme conclusões de nossas pesquisas e também devido experiência cotidiana vemos que realmente a leitura não pode estar bem cotada dentro de um esquema tão rígido e inadequado de utilização do livro.

Segundo Soares (2003:105), "letramento é o resultado da ação de ensinar a ler e escrever". É o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita. Tendo como base este conceito, podemos afirmar que o nível de letramento dos indivíduos é determinado pelas variedades de gêneros textuais, como por exemplo, músicas, gibis, livros de histórias, etc., que os indivíduos reconhecem, sejam por meio das letras e conversas sobre o que uma pessoa interage e utiliza para se comunicar.

A educação está num momento de reordenação e sentido do que é ensinar e aprender, tendo constatado em suas avaliações que a maioria dos alunos é apenas alfabetizada, mas não são letradas, pois se tornam pessoas com limitações, por não interpretarem o que leem, não importando a disciplina que lhes apresentem ou aprofundar-se num discurso de maneira crítica e consciente.

Quando o assunto é educação, podemos afirmar que ainda existe um fracasso, mesmo em uma sociedade em que a tecnologia avança cada vez mais e que formar cidadãos críticos deveria ser prioridade das nossas escolas.

As tecnologias e a educação

Segundo Chaves (1998:19-20), mesmo numa sociedade apenas "emergente" como a nossa, não ainda plenamente desenvolvida, a tecnologia entrou sem maiores resistências e sem grandes dificuldades em quase todas as áreas em que normalmente se divide a sociedade. Hoje temos produção industrial mediada pela tecnologia, comércio mediado (ou pelo menos sustentado) pela tecnologia, serviços bancários mediados pela tecnologia, atendimento médico mediado pela tecnologia, comunicação mediada pela mais alta tecnologia, e até entretenimento mediado pela tecnologia. No entanto, estamos ainda muito longe de uma educação mediada pela tecnologia — pelo menos no que diz respeito à educação formal ministrada pela escola, o que causa perplexidade, pois a educação é que deve, entre outras finalidades, preparar o indivíduo para viver uma vida pessoal rica, para atuar de forma responsável.

"A maioria de nossas escolas forma exatamente o fracasso do futuro por investir mais na memorização para passar no vestibular do que na criatividade".

Podemos observar que as residências a cada dia se atualizam em termos tecnológicos; por isso contamos também com o auxílio da tecnologia. Participando de debates, palestras que abordem o tema vinculado à educação.

Teria algo que ver, então, com os profissionais da educação? Seriam os educadores mais resistentes a inovações (isto é, mais conservadores) do que, por exemplo, os médicos? Parece que sim — não no sentido político (onde geralmente os educadores se pretendem avançados e progressistas), mas, sim, no sentido de tentar conservar a sua prática tão inalterada quanto possível, procurando argumentos de todos os tipos (inclusive racionalizações) para justificar o seu conservadorismo.

Se não são os educadores, o que explica o atraso da educação escolar no que diz respeito ao uso da tecnologia — em especial quando a tecnologia hoje é tão relevante e útil para o aprendizado, e, assim, para a educação? Note-se, ao mesmo tempo, que, fora da escola, a educação (que chamamos de não formal) não parece tão presa a objetivos, métodos e técnicas tradicionais. Ali o uso da tecnologia parece acompanhar mais de perto o que acontece no restante da sociedade.

É certo afirmar que as tecnologias de informática têm sido chamadas de extensões de nossa mente - diferentemente das outras tecnologias, que ampliam nossa capacidade sensorial, motora ou muscular.

Esta geração tem sido chamada, como vimos de "era da informação" e de "era do conhecimento", porque a tecnologia que a

caracteriza é extremamente relevante para o acesso à informação e a construção do conhecimento. A informação e o conhecimento estão rapidamente se tornando o principal meio de produção, através do qual nossa sociedade encontrou uma nova forma de gerar riquezas. E as tecnologias da informática estão intrinsecamente ligadas a esses desenvolvimentos.

É por isso tudo que causa perplexidade ver a educação (formal, escolar) ainda tentando dar, hoje, passos inseguros nessa área (passos esses que começou a ensaiar há mais de 15 anos no Brasil), enquanto as outras áreas da sociedade, mesmo aqui no Brasil, já alcançaram maioridade e têm desempenho que se equipara ao dos países mais desenvolvidos.

O século XXI está sendo marcado pelo aceleramento da tecnologia eletrônica, com atenção especial para a informática, o computador e a Internet.

Atualmente, o meio em que vivemos está permeado pelo uso de técnicas e recursos tecnológicos, fazendo do computador uma ferramenta que vem auxiliar o processo ensino/aprendizagem nas questões do cotidiano trazidas até a sala de aula. É muito importante o compromisso do docente e a escola deve impor-se de questionar e discutir os aspectos da informática dentro da evolução da sociedade juntando nesses processos as transformações às vezes não percebíveis. Portanto, é necessário construir um diálogo em sala de aula que garanta a interação comunicativa e desenvolvimento do leitor crítico e competente. Para isso, devemos garantir o prazer do ato de ler por meio de histórias que desenvolvam a formação do aluno crítico, assunto para o próximo capítulo.

Como acontece a contação de história na educação infantil?

Segundo Machado (2001:45), apesar da grande importância que a literatura exerce na vida da criança, seja no desenvolvimento emocional ou na capacidade de expressar melhor suas ideias, em geral, de acordo com Machado (2001), elas não gostam de ler e fazem-no por obrigação. Mas afinal, por que isso acontece? Talvez seja pela falta de exemplo dos pais ou dos professores, talvez não. O que se percebe é que a literatura, bem como toda a cultura criadora e questionadora, não está sendo explorada como deve nas escolas e isto ocorre em grande parte, pela pouca informação dos professores. A formação acadêmica, infelizmente não dá ênfase à leitura e esta é uma situação contraditória, pois segundo comentário de Machado (2001:45), "não se contrata um instrutor de natação que não sabe nadar, no entanto, as salas de aula brasileira estão repletas de pessoas que apesar de não ler, tentam ensinar". De acordo com a UNESCO (2005), existem dois fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura: curiosidade e exemplo. Neste sentido, o livro deveria ter a importância de uma televisão dentro do lar. Os pais deveriam ler mais para os filhos e para si próprios. No entanto somente 14% da população tem o hábito de ler, portanto, pode-se afirmar que a sociedade brasileira não é leitora. Nesta perspectiva, cabe à escola desenvolver na criança o hábito de ler por prazer, não por obrigação. "Conforme Abramovich (1997:23-17) é importante contar histórias mesmo para as crianças que já sabem ler, pois quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las". Quando as crianças maiores ouvem as histórias, aprimoram a sua capacidade de imaginação, já que as ouvir pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar. Num mundo hoje tão cheio de tecnologias, onde as informações estão tão prontas, a criança que não tiver a oportunidade de suscitar seu imaginário, poderá no futuro, ser um indivíduo sem criticidade, pouco criativo, sem sensibilidade para compreender a sua própria realidade. A dimensão de literatura infantil é muito mais ampla e importante. Ela proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutível. Quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

São através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de serem, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc., sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

Neste sentido, quanto mais cedo à criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade de ela tornar-se um adulto leitor. Da mesma forma através da leitura a criança adquire uma postura crítico-reflexiva, extremamente relevante à sua formação cognitiva.

Com livros adequados a essa fase, devem propor "vivências radicadas" no cotidiano familiar da criança e apresentar determinadas características estilísticas.

Predomínio absoluto da imagem, (gravuras, ilustrações, desenhos etc.), sem texto escrito, ou com textos brevíssimos, que podem ser lidos, ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a criança perceba a inter-relação existente entre o "mundo real", que a cerca, e o "mundo da palavra", que nomeia o real. É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a

realidade circundante.

As imagens devem sugerir uma situação que seja significativa para a criança, ou que lhe seja, de alguma forma, atraente. A graça, o humor, certo clima de expectativa, ou mistério são fatores essenciais nos livros para o pré-leitor.

As crianças, na educação infantil, gostam de ouvir a história várias vezes. É a fase de "conte outra vez".

Histórias com dobraduras simples, que a criança possa acompanhar, também exercem grande fascínio. Outro recurso é a transformação do contador de histórias com roupas e objetos característicos. A criança acredita, realmente, que o contador de histórias se transformou no personagem ao colocar uma máscara, chapéu, capa etc.

Podemos enriquecer a base de experiências da criança, variando o material que lhe é oferecido. Materiais como massa de modelar e argila atraem a criança para novas experimentações. Por exemplo, a história do "Bonequinho Doce" sugere a confecção de um bonequinho de massa, e a história da "Galinha Ruiva" pode sugerir amassar e assar um pão.

Assim como as histórias infantis, os contos de fadas têm um determinado momento para serem introduzidos no desenvolvimento da criança, variando de acordo com o grau de complexidade de cada história. Os contos de fadas, tais como: "O Lobo e os Sete Cabritinhos", "Os Três Porquinhos", "Cachinhos de Ouro", "A Galinha Ruiva" e "O Patinho Feio" apresentam uma estrutura bastante simples e têm poucos personagens, sendo adequados a crianças entre 3 e 4 anos. Enquanto, "Chapeuzinho Vermelho", "O Soldadinho de Chumbo", contos de Andersen, "Pedro e o Lobo", "João e Maria", "Mindinha" e o "Pequeno Polegar" são adequados a crianças entre quatro e seis anos.

Segundo Bettelheim (2008:11), para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar clara suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve relacionar-se simultaneamente com todos os aspectos de sua personalidade e isso sem nunca menosprezar a seriedade de suas dificuldades, mas, ao contrário, dando-lhe total crédito e, a um só tempo, promovendo a confiança da criança em si mesma e em seu futuro. Para que essas situações sejam relevantes é necessário que o educador organize processos de leitura que garantam o gosto pelo ato de ler.

O processo de leitura na educação infantil

Segundo Bamberguerd (2000:71), desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa muito cedo, em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura. O primeiro e talvez mais importante é determinado pela "atmosfera literária" que a criança encontra em casa. A criança que houve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura.

A criança que lê com maior desenvoltura se interessa pela leitura e aprende mais facilmente, neste sentido, a criança interessada em aprender se transforma num leitor capaz. Sendo assim, pode-se dizer que a capacidade de ler está intimamente ligada a motivação. Infelizmente são poucos os pais que se dedicam efetivamente em estimular esta capacidade nos seus filhos. Outro fator que contribui positivamente em relação à leitura é a influência do professor. Nesta perspectiva, cabe ao professor desempenhar um importante papel: o de ensinar a criança a ler e a gostar de ler.

Professores que oferecem pequenas doses diárias de leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade, desenvolverá na criança um hábito que poderá acompanhá-la pela vida afora. Para desenvolver um programa de leitura equilibrado, que integre os conteúdos relacionados ao currículo escolar e ofereça certa variedade de livros de literatura como contos, fábulas e poesias, é preciso que o professor observe a idade cronológica da criança e principalmente o estágio de desenvolvimento de leitura em que ela se encontra.

De acordo com Sandroni & Machado (1998:23) "o equilíbrio de um programa de leitura depende muito mais do bom senso e da habilidade do professor que de uma hipotética e inexistente classe homogênea".

Assim, as condições necessárias ao desenvolvimento de hábitos positivos de leitura, incluem oportunidades para ler de todas as formas possíveis. Frequentar livrarias, feiras de livros e bibliotecas são excelentes sugestões para tornar permanente o hábito de leitura.

Para Kleiman (1997:10), a leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados. Essa dimensão interacional, que para nós é a mais importante do ato de ler, é explicitada toda vez que a base textual sobre a qual o leitor se apoia precisa ser elaborada, pois essa base textual é entendida como a materialização de significados e intenções de um dos interagentes à distância via texto es-

crito.

Num mundo tão cheio de tecnologias em que se vive, onde todas as informações ou notícias, músicas, jogos, filmes, podem ser trocados por e-mails, cd's e dvd's o lugar do livro parece ter sido esquecido. Há muitos que pensem que o livro é coisa do passado, que na era da Internet, ele não tem muito sentido. Mas, quem conhece a importância da literatura na vida de uma pessoa, quem sabe o poder que tem uma história bem contada, quem sabe os benefícios que uma simples história pode proporcionar, com certeza haverá de dizer que não há tecnologia no mundo que substitua o prazer de tocar as páginas de um livro e encontrar nelas um mundo repleto de encantamento.

Segundo Zilberman (1984:107), a cognição está intimamente ligada aos processos e produtos da inteligência, incluindo entidades psicológicas do tipo conhecimento, consciência, inteligência, pensamento, imaginação, criatividade, geração de planos e estratégias, raciocínio, as inferências, a solução de problemas, a conceitualização, a classificação e a formação de relações, a simbolização e, talvez, a fantasia e os sonhos das crianças. Sendo assim se deve atentar para o leitor ouvinte, desse leitor que aprende a ler pela voz do outro, que se habilita a entrar no mundo mágico da leitura antes mesmo de decodificar o signo linguístico da escrita.

As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica.

Acreditamos que nessa investigação é importante considerar as práticas de leitura e de escrita como elementos significativos para ampliar a nossa compreensão sobre o objeto de pesquisa proposto. A prática da leitura se faz presente em todos os níveis educacionais desde o período da alfabetização. A escola concebe o livro didático como instrumento básico, como um complemento primeiro às funções pedagógicas exercidas pelo professor.

O desenvolvimento do hábito da leitura, então, tem início com os primeiros contatos da criança com o mundo dos livros.

Segundo Silva (2005:16), teorias contemporâneas que buscam analisar o processo da leitura pondo o texto e o leitor como peças centrais das atividades a serem desenvolvidas e vendo-o como uma tarefa complexa, não só cognitiva, mas também teorias psicolinguísticas, em que os elementos interagem a fim de recriar um discurso significativo, são as linhas mestras que conduzem as pesquisas em torno do processo de leitura na contemporaneidade. Desenvolver tal processo ao ponto de o indivíduo-leitor, ao aproximar-se de um texto literário, ser capaz de compreendê-lo, menos em sua plenitude que em sua magnitude, é o que consideramos um dos passos mais avançados no decorrer da formação do leitor. Entretanto, ressaltamos, que as relações entre leitura e literatura nem sempre são analisadas, reavaliadas e praticadas como deveriam no contexto escolar.

A leitura – como atividade atrelada à consciência crítica do mundo, do contexto histórico-social em que o aluno está inserido – precisa ser mais praticada em sala de aula. O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica de mundo. Contudo, esta noção parece perder-se diante de outras concepções que ainda orientam as práticas escolares.

É por essa razão que o texto escrito é colocado no centro da vivência professor – aluno, despontando como mediador dessa relação e veículo para instigar discussões, reflexões ou novas práticas. Percebemos que a escola dá um enfoque especial nas atividades de leitura; essa tendência a trabalhar a leitura como uma "ação mecanizada", descontextualizada de seu real sentido, compromete a construção de sentido e significado do texto para os (as) alunos (as).

Se o professor acreditar que além de informar, instruir ou ensinar, o livro pode dar prazer, encontrará meios de mostrar isso à criança. E ela vai se interessar por ele, vai querer buscar no livro esta alegria e prazer. Tudo está em ter a chance de conhecer a grande magia que o livro proporciona.

Enfim, a literatura infantil é um amplo campo de estudos que exige do professor conhecimento para saber adequar os livros às crianças, gerando um momento propício de prazer e estimulação para a leitura. Nesse sentido, cabe ao educador interagir em sala de aula, mostrando o prazer pela leitura, assunto que discutiremos a seguir.

Considerações Finais

A partir das análises realizadas no concernente aos autores pudemos enfatizar a interação, entre as crianças e a imaginação através das histórias contadas que permitem o lúdico, as descobertas e o faz-de-conta. Pois ouvir e contar histórias são atividades prazerosas que desenvolve tanto o emocional da criança quanto a socialização e a linguagem oral. Àlém disso, ela proporciona um desempenho positivo no processo de alfabetização. Devido que trabalhar com a contação de história é muito importante e traz bons resultados pelo fato de ser um instrumento pedagógico que chama a atenção dos alunos, oferecendo grande ajuda no processo de en-

sino aprendizagem.

Entretanto desenvolver na criança o gosto pela leitura é um processo constante que se inicia com a contação de histórias em casa com a família e pode ser continuado na escola com a mediação dos professores. Através da experiência com esse projeto aprendemos que a literatura infantil é um dos meios que mais desenvolvem na criança o gosto e a curiosidade pela descoberta das palavras. Esse trabalho nos proporcionou a ampliação de conhecimentos nessa área e nos levou a refletirmos sobre as práticas desenvolvidas com a contação de histórias na sala de aula.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.

BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BUSATTO, Cléo. Contar & Encantar: pequenos segredos da narrativa.

Rio de Janeiro: vozes, 2003.

CHARTIER, Roger. A história entre narrativa e acontecimento. In: À Beira da Falésia. A história entre certezas e inquietudes. Trad. de Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

EDUARDO, O C Chaves. Tecnologia e Educação: O Futuro da Escola na Sociedade da Informação. São Paulo:Mindware 1998.

FERNANDES, Maria. Os segredos da alfabetização. São Paulo: Cortez Ed. 2008.

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

KATO, Mary (1985). O aprendizado da leitura. 3ª Ed. São Paulo: Martins

Fontes.

KLEIMAN, Ângela. Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura. 5. Ed.

Campinas: Pontes, 1997.

LDB, Lei de Diretrizes e Bases, Seção II, Art. 29, p. 16.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. Educação Infantil: fundamentos e métodos.

São Paulo: Cortez, 2002.

PEIXOTO, Mylena Kelly de Sá B. Educação Infantil: Contação de história- importante recurso para o desenvolvimento da linguagem da criança. In: Revisão do Professor, Porto Alegre, n.22 p.11-13. Abril 2006.

SANDRONI, Laura e MACHADO, Luiz Raul. A criança e o livro. Guia prático de estímulo à leitura. São Paulo: Ática, 1987.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2003. SOUZA, Ana Inês (org.). Paulo Freire, vida e obra 21 ed. São Paulo,

Expressão Popular, 2001.

PROPP, Vladimir. As Raízes Históricas do Conto Maravilhoso. São Paulo: Martins Fontes, 2003.